

Sugestões de atividades pedagógicas para educadores inspiradas no livro “João Paizão”



Texto: Regina de Souza Yabe e Sílvia Nassif Del Lama
Ilustrações: Fernando Peron

Informação para os educadores

Disponível para download na página de venda do livro João Paizão em editora.ufscar.br
ou link <http://portal-archipelagus.azurewebsites.net/farol/edufscar/produto/joao-paizao/40309/>





Introdução

No Brasil, podemos encontrar três tipos de cegonhas: os cabeças-secas (*Mycteria americana*), personagens da história do livro *João Paizão*, os tuiuiús (*Jabiru mycteria*) e os maguariis (*Ciconia maguari*). Esta última é mais semelhante à cegonha europeia, conhecida das crianças, porque aparece em desenhos animados fazendo o transporte, conforme a lenda, dos bebês em seus bicos. As cegonhas são aves aquáticas, pertencentes à família Ciconiidae, que apresentam bicos e pernas longas. No livro *João Paizão* é contada uma história de ficção em que o pai recusa-se revezar com sua parceira na atividade de pesca, atividade essa essencial para obtenção dos alimentos para os filhotes no ninho. Na realidade, essa seria uma situação insustentável na natureza e o esperado é que a fêmea e macho apresentem comportamento cooperativo para viabilizar o cuidado da prole. No entanto, nem tudo é fantasia na história, e, no texto, foram introduzidas diversas informações biológicas sobre os cabeças-secas e sobre a biologia das aves em geral, assim como temas relativos à conservação das áreas no Pantanal, onde essas aves se reproduzem. O roteiro a seguir sugere o desenvolvimento de uma atividade teatral baseada na história, após a leitura do livro (itens A e B). Algumas atividades complementares (item C) são propostas, explorando alguns aspectos que não são tratados durante a atividade teatral. Os alunos poderão assimilar por meio dessas atividades os conceitos biológicos e ecológicos abordados no livro, facilitando o processo de aprendizagem e aprofundando algumas questões-chave. Alguns

dos temas abordados no livro são ressaltados: o comportamento gregário dos cabeças-secas em colônias reprodutivas; o revezamento dos pais na pesca para obtenção de alimento suficiente para os filhotes; a presença dos predadores aéreos e terrestres e a ameaça que representam para a sobrevivência dos filhotes; a autonomia crescente dos filhotes, que nascem indefesos mas vão, aos poucos, saindo do ninho; o maior e o menor período de cuidado dos filhotes pelos pais, encontrado em grupos diferentes de aves; as medidas para proteção da reprodução da espécie dos cabeças-secas no Pantanal. O roteiro apresenta questões para discussão com alunos, informações complementares para os educadores, dicas para a construção do cenário e caracterização dos personagens com figurinos. Para a preparação do cenário e figurinos, estão previstas de seis a oito horas, e para o ensaio das cenas sugeridas, mais seis horas (uma hora semanal). A atividade proposta neste roteiro, portanto, totaliza de doze a quatorze horas, que poderão ser distribuídas ao longo de 12 a 14 semanas. Lembramos que os educadores poderão selecionar as atividades mais adequadas ao tempo disponível e ao interesse de seus alunos, ou ainda usar esse roteiro para inspirar outras propostas, a serem desenvolvidas com a classe. Antes de dar início ao preparo da atividade teatral, será interessante assistir no YouTube aos seis primeiros minutos da reportagem “Série Pantanal Aves”

<www.youtube.com/watch?v=GbEMOmmHgNs&t=10s>.



A) Preparação do cenário e dos figurinos dos personagens

1. Construção do cenário – o ninhal

Peça para os alunos observarem as figuras do livro e, assim, caracterizarem o ninhal. Galhos secos poderão ser utilizados para representar as árvores e para construir os ninhos da colônia. Um pedaço de TNT ou saco de lixo de cor azul (ou algum outro material semelhante) poderá representar a água do rio e das baías.

Questão para discussão: Por que algumas espécies de aves se agrupam quando vão fazer seus ninhos?

Informações para os educadores: Macho e fêmea de cabeças-secas constroem o ninho, incubam os ovos, cuidam dos filhotes e saem para pescar em bandos. São aves gregárias, isto é, agrupam-se para se alimentar, para se deslocar e para se reproduzir. A reunião de diversas aves no mesmo local otimiza a informação entre as aves sobre as áreas de concentração de alimento, sobre a construção dos ninhos, além de proporcionar maior proteção aos ninhegos. Os filhotes pequenos de cabeça-seca são emplumados e branquinhos e se destacam em meio à vegetação. Deste modo, são facilmente visíveis aos predadores (aéreos e terrestres). Discuta com os alunos as vantagens dos ninhos estarem agrupados no ninhal, destacando-se que nessa condição a possibilidade de um determinado filhote ser predado é menor, assim como as desvantagens que teriam se ficassem isolados.

2. Preparação dos figurinos dos cabeças-secas

Pinte, cole num pedaço de cartolina e recorte a máscara de cabeça-seca desenhada no final desse encarte. Uma meia fina preta pode ser colocada na cabeça de um aluno para imitar o cabeça-seca adulto. Como os filhotes apresentam a cabeça e o pescoço emplumados, a plumagem deles pode ser representada colando-se algodão num pedaço de cartolina, que será fixada no pescoço das crianças. O algodão também pode ser colado em toucas de banho, para representar a plumagem da cabeça.

Questão para discussão: As aves pescadoras, como garças, biguás, martins-pescadores e socós, possuem bicos semelhantes? Como é a forma dos bicos destas aves? Por que eles têm esse formato?

Informações para os educadores: Compare com os alunos o formato do bico dos cabeças-secas com os bicos de outras aves (canários, beija-flores, garças e araras). Os bicos das aves são diferentes porque são adequados ao tipo de alimento que elas consomem. Mesmo entre as aves pescadoras (cabeças-secas e garças), os bicos são diferentes porque apresentam distintas estratégias para pescar. O cabeça-seca usa sua habilidade tátil: introduz o bico aberto na água rasa; quando seu bico esbarra no peixe, ele o fecha rapidamente (25 milésimos de segundo é o tempo gasto para fechar o bico) (veja figura na página 7 do livro). Esse é um



dos reflexos mais rápidos entre os vertebrados! Já as garças pescam usando sua aptidão visual, preferem águas mais transparentes e, quando visualizam um peixe, introduzem o bico na água, usando-o como uma lança.

3. Confeção das presas dos cabeças-secas e dos pescadores

Utilize as gravuras dos peixes do final deste livro e peça aos alunos que identifiquem cada espécie, depois de pesquisar na internet as características de cada uma delas. É importante observar as diferenças entre eles, principalmente quanto ao formato do corpo e das nadadeiras. Agora peça para que os alunos recortem os peixes e cole em um pedaço de cartolina ou papelão. Depois de prontos, os peixes deverão ser presos a uma haste (podem ser varas de bambu ou gravetos) para que os alunos que vão representar as presas os segurem. O figurino dos pescadores é formado por peneiras nas mãos e chapéus na cabeça.

Questão para discussão: Se os pantaneiros ou os turistas pescarem muito desses peixes, seja para usar como isca ou para comer, o que poderá acontecer com os filhotes dos cabeças-secas?

Informações para os educadores: Os cabeças-secas alimentam-se, enquanto filhotes, quase exclusivamente de peixes: traíras, tuviras, camboatás, carás, sardinhas e saicangas. Os pais cabeças-secas precisam pescar cerca de 120 kg de peixe para cada filhote (geralmente são dois, três filhotes por ninho) durante o período de oito semanas, em que os filhotes dependem dos pais no ninho. A alimentação adequada garante o crescimento do filhote: ele

nasce com cerca de 60 gramas e deixa o ninho com 2.500-2.800 gramas. A competição com os humanos pelos mesmos tipos de peixes pode prejudicar as aves na obtenção de alimento. Se pescadores realizam atividade de pesca de modo compatível com a sustentabilidade da região, tudo se encaminha bem. No entanto, se a pesca é predatória (nas quantidades ou envolvendo espécies não permitidas), as aves começam a pescar em lagoas mais distantes do ninhal e podem até desistir da reprodução na área se os peixes começam a rair.

4. Confeção dos figurinos dos predadores aéreos

Os principais predadores aéreos de ovos e filhotes de cabeças-secas (no ninho) são: gavião caracará, gavião urubitinga e urubus. Peça aos alunos que pintem e preparem as máscaras destes predadores utilizando os desenhos no final deste encarte.

Questão para discussão: Os pais cabeças-secas ficam nos ninhos atentos, cuidando dos filhotes pequeninos até que estes cresçam o suficiente para se defender no ninho. O que acontece quando um barco com motor barulhento se aproxima do ninhal? E quando uma pessoa entra na colônia e passeia embaixo dos ninhos? Ou, ainda, quando uma vaca passeia entre as árvores dos ninhos?

Informações para os educadores: Os predadores aéreos citados acima realizam ataque aéreo, sobrevoando as árvores e atacando ninhos desprotegidos. Os filhotes nascem pequenos e indefesos. Um dos pais permanece sempre no



ninho, de guarda, até que eles alcancem quatro semanas de vida, quando já podem se defender dos predadores. Nesse período precoce, se os pais deixam o ninho, os filhotes ficam indefesos. Um distúrbio não natural no ninhal pode assustar os pais e levar ao abandono temporário do ninho. Causam distúrbios: pessoas entrando no ninhal, vacas passando debaixo das árvores com ninhos e barulho de motores dos barcos nas proximidades. Uma medida protetora importante envolve o isolamento do ninhal para impedir a entrada de animais maiores, a aproximação de humanos e de barcos até 100 metros de distância dos ninhos. Quando se evita a saída dos pais dos ninhos, os filhotes ficam protegidos dos predadores aéreos.

5. Confeção dos figurinos dos predadores terrestres

Peça para que os alunos pintem as máscaras do final do encarte para a confecção dos figurinos de jaguatirica e jacarés. Essas figuras devem ser coladas num pedaço de cartolina, recortadas e presas em hastes para serem usadas. Para a serpente, peça que os alunos pintem as partes da sucuri, colem num pedaço de cartolina e a recortem. Em seguida, a peça da cabeça deve ser presa em uma haste e as outras partes do corpo, em outras hastes. Para interpretar a sucuri serão necessárias quatro crianças, que deverão fazer o movimento de sobe e desce de cada uma das partes, serpenteando ao se mover.

Questão para discussão: No solo, embaixo das árvores do ninhal, costumam circular diversos predadores terrestres. Pensando nisso, qual seria o pior erro que um filhote ansioso

e apressadinho de cabeça-seca poderia cometer antes de aprender a voar?

Informações para os educadores: Um filhote que cai do ninho não tem como voltar. Ele não sabe voar e os pais não conseguem retorná-lo ao ninho. Os predadores terrestres consomem os filhotes que caem dos ninhos. Esses predadores ficam no chão mas podem subir nas árvores. Explicar que a alimentação desses predadores depende das perdas dos ninhos e que é um ciclo esperado na natureza.

6. Confeção do figurino de mutum

Peça para que os alunos observem a plumagem e o bico destas aves (a figura na página 47 do livro mostra a mamãe mutum e seus filhotes). Converse com as crianças para que surjam ideias de como fazer os figurinos. Pinte, cole num pedaço de cartolina e recorte a máscara da mamãe mutum, que deve ser colocada também numa haste.

Questão para discussão: Compare a independência dos filhotes de mutum em relação aos filhotes de cabeça-seca. Será que os filhotes de cabeça-seca conseguiriam se tornar independentes logo nos primeiros dias de vida?

Informações para os educadores: O mutum-de-penacho é uma espécie de Galliforme (da ordem da galinha doméstica) que se alimenta de frutos, folhas e brotos de plantas e também consome caramujos, gafanhotos, pererecas, lagartixas e outros pequenos animais. Seus filhotes já nascem espertos e com os olhos abertos. Logo nos primeiros dias já estão buscando alimento por conta própria, mas



dormem sob as asas da mãe. Os filhotes acompanham os pais e são protegidos por eles por alguns meses, mas não dependem tanto dos pais para se alimentar como os filhotes de cabeça-seca. Alguns filhotes de aves apresentam aspecto frágil e prematuro, nascem nus e, no ninho, dependem dos adultos para se alimentar e serem protegidos dos predadores por um período. Se os pais conseguem trazer alimento suficiente, em poucas semanas eles crescem bastante e podem deixar o ninho. Este

tipo de desenvolvimento é chamado **altricial**, e é o que ocorre com filhotes dos cabeças-secas, tuiuiús e araras, por exemplo. Outro grupo de aves apresenta um padrão de comportamento diferente: os filhotes nascem com grande grau de independência. Uma ninhada de pintinhos ou filhotes de mutum, logo nos primeiros dias de vida, já acompanha a mãe na busca por comida. Este tipo de desenvolvimento de filhotes é chamado **precocial**.

B) Roteiro teatral

Narrador: Vamos contar uma história que aconteceu em um ninhal do Pantanal há muito tempo, mas que até hoje ouvimos falar.

Neste ninhal havia centenas de ninhos. Muita conversa se ouvia por lá... que algazarra! Tudo parecia estar correndo muito bem na agitação do vaivém de pais e mães que se revezavam entre buscar comida e cuidar dos filhotes.

Humm, parecia... mas nem tudo estava tão bem assim! Vamos ver o que acontecia no ninho do João Paizão e Clarinha? Vejam, eles têm três filhotinhos muito engraçadinhos e famintos!

Cena 1

Clarinha chegando ao ninho muito cansada, trazendo vários peixinhos no bico. João está no ninho, de sentinela, cuidando dos três filhotes. Ele presta atenção a tudo, olhando ao redor para ver se não tem nenhum gavião ca-

racará por perto que possa atacar o ninho. Ele também abre as asas sobre os filhotes para fazer sombra e protegê-los do calor. Os filhotes abrem e fecham o bico e resmungam de fome.

João: – Nossa, que calor! Fiquem quietinhos debaixo das asas do papai para vocês ficarem mais fresquinhos. A mamãe já vai chegar. (Um tempinho depois...)

Clarinha chega ao ninho e diz: – Olha o que a mamãe trouxe para vocês!

Um dos filhotes: – Obaaaaa, quantos peixes!

Clarinha: – Trouxe traíra [Clarinha mostra a traíra para o público (aponta para o aluno que representa a traíra e, em seguida, esse aluno entrega o peixe para Clarinha, que por sua vez entrega o peixe para um dos filhotes), cará, tuvira, camboatá e sardinha [Clarinha deve mostrar os tipos de peixes (cada peixe é um aluno)



para o público e em seguida entregar os peixes para cada um dos filhotes].

Os três filhotes batem na barriga e dizem juntos: – Humm que delícia, obrigado mamãe!

O **filhote 1** bate com as mãos na barriga e diz: – Humm, eu adoro traíra, cará e tuvira!

O **filhote 2** bate com as mãos na barriga e diz: – Humm, eu adoro traíra, cará, tuvira e camboatá!

O **filhote 3** (Túlio Topete) bate com as mãos na barriga e diz: – Humm, eu adoro traíra, cará, tuvira, camboatá e sardinha, tudo, tudo!

Clarinha: – Nossos filhotes são muito comilões! Eu estou cansada João! Na próxima vez você vai pescar João, eu fico.

João Paizão: – Descanse um pouco Clarinha, vai demorar para eles sentirem fome.

Clarinha: – Mas você vai, né?

João Paizão: (Coça a cabeça e diz): – Humm...

Clarinha: – Vai sim!

João Paizão: – Clarinha, acho melhor eu ficar para proteger nossos filhotes.

Clarinha (nervosa): – João, assim não dá! Eu estou cansada. Na próxima vez você vai!

João Paizão: – Clarinha, por favor... preciso ficar, pode ser perigoso para os nossos filhotes. Você vai, tudo bem?

Clarinha (muito contrariada): – Tá bom, tá bom, tá bom!

Cena 2

Clarinha sai voando para pescar numa lagoa próxima, mas chegando lá avista três pescadores de iscas com peneiras. Ao vê-los, Clarinha desiste de pescar nesta lagoa e tem

que ir buscar peixes numa lagoa mais distante. Ela volta para alimentar os filhotes muito cansada e desanimada.

Pescador 1 (passando a peneira na superfície da água): – Vamos pescar muito nesta lagoa hoje!

Pescador 2 (passando a peneira na superfície da água): – Vamos sim, está muito bom de peixe!

Pescador 3 (passando a peneira na superfície da água): – Vamos ficar o dia todo aqui, para a gente levar muitos peixes!

Clarinha, ouvindo a conversa deles, diz: – Aaaaah não! Vou ter que ir buscar peixes numa lagoa bem longe, assim não dá!

Clarinha voa, voa, voa em busca de uma outra lagoa, pesca vários peixes (vários alunos serão os peixes, que deverão tentar escapar de Clarinha, mas acabam sendo pegos por ela). Ela volta para o ninho muito cansada. Ela entrega os peixes para os filhotes. João Paizão ao vê-la tão cansada faz um carinho na cabeça dela, com uma carinha de triste.

João: – Tem uma outra lagoa aqui perto. Pode deixar que na próxima vez eu vou. Clarinha fica mais feliz com a resposta dele.

Cena 3

João sai para pescar. Clarinha, distraída, nem percebeu a competição entre filhotes do ninhal, com a participação de seu filhote Túlio Topete. Nesta competição, ganha aquele que se afastar para mais longe do ninho. O prêmio é ganhar um peixe do bico de Paulinha Pernalta, a jovem mais formosa do ninhal que sabe



dançar tango. Ao chegar da pescaria, João vê Túlio Topete longe do ninho e fica apavorado (Túlio vai caminhando todo desengonçado sobre os galhos, se equilibrando e quase caindo por várias vezes. Ele caminha, olha e joga beijinhos para Paulinha Pernalta, que faz charminho enquanto segura o peixe que será o prêmio). Quando Túlio chega ao ninho, recebe uma baita bronca do seu pai por estar participando da brincadeira (*à medida que vai sendo narrada, a cena deverá ser interpretada com a participação de João, Clarinha, Túlio Topete, dois ou três filhotes competidores e Paulinha Pernalta*).

Narrador: Então finalmente João sai para pescar e Clarinha fica no ninho, aleluia! Mas Clarinha é realmente muito distraída e nem percebeu a competição entre filhotes do ninhal! O prêmio da competição é ganhar um peixe do bico de Paulinha Pernalta, a jovem mais formosa do ninhal, que sabe dançar tango! Ganha aquele se afastar para mais longe do ninho, que loucura! Caramba, quem é aquele ali? É Túlio Topete, o filhote de Clarinha e João Paizão, minha nossa! João Paizão vai ter um piripaque...

João Paizão: – Túlio, você nunca mais faça uma coisa dessas! Você poderia ter virado almoço de jacaré! Agora fique aí de castigo olhando para o fundo do ninho, para pensar no que você fez!

Túlio Topete (muito contrariado e triste) diz: – Tá bom pai, tá bom, desculpe.

Clarinha (bem brava): – João, você não pode ser assim tão superprotetor! Isso é muito ruim para os nossos filhotes. Logo eles terão que voar e se virar sozinhos!

João (bem triste): – Clarinha, desculpe, mas eu não consigo...

Clarinha (preocupada): – Por quê?

João: – Vou te contar... aconteceu quando eu era apenas um filhotinho.

Clarinha: – O quê? Conta João, o que foi?

Cena 4

João vai contar para Clarinha seu trauma de infância. À medida que ele for contando, os acontecimentos e os pesadelos deverão ser encenados. Várias crianças podem ser os predadores (urubus, caracarás, jacarés e cobra sucuri. A sucuri será representada por quatro crianças – cabeça e corpo articulado dividido em três partes, que deverá serpentear ao se aproximar do filhote).

João (aprensivo): – Bem, eu era muito filhotinho... nossa, não gosto nem de lembrar...

Clarinha (nervosa): – Conta logo João, desembucha!!

João: – Eu era praticamente um bebê quando aconteceu uma tempestade terrível! Meu pais abandonaram o ninho e voaram para longe. Isso não acontece nunca, foi só naquela tempestade forte demais!

Clarinha (assustada): – Meu Deus!!

João: – Logo que a chuva parou, começou o ataque dos predadores. Primeiro vieram os urubus, caracarás e sucuris, que começaram a comer os ovos dos ninhos (entram as crianças interpretando os urubus, caracarás e sucuri comendo os ovos). Depois atacaram os filhotes (entram as crianças interpretando os caracarás comendo alguns filhotes. Os filhotes ao serem



atacados deverão gritar: Aaaaaaaahhh! Ou socorro! Ou então nãooooo!).

Clarinha: – Que horror! Como você escapou?

João: – Meus pais chegaram e me protegeram. Por pouco eu não viro prato feito de caracará!

Clarinha: – Que horror!

João: – Mas até hoje tenho pesadelos terríveis. Sonho com nossos filhotes caindo do ninho e sendo devorados por jacarés (entram as crianças interpretando os jacarés devorando os filhotes. Estes deverão gritar: Paaaiii, me salva!!). Em outros pesadelos eles caem do ninho e são devorados por jaguatiricas (entram as crianças interpretando as jaguatiricas devorando os filhotes. Estes deverão gritar: Paaaiii, socorro!). Em outros, por sucuris (entram as crianças interpretando a sucuri devorando um filhote. Estes deverão gritar: Paaaiii, me ajuda!!).

Clarinha (muito impressionada): – Nossa, agora entendo você, João. Tudo o que passou... (Clarinha se aproxima de João, dá um abraço nele e diz: – João, tenho que contar uma coisa).

João: – O quê?

Clarinha: – Eu também já tive vários medos na vida, sei o quanto é difícil.

João: – Caramba, você nunca me contou!

Clarinha: – Então, mas agora está tudo bem. E vou te dizer mais: vamos superar tudo isso juntos, toca aqui (Clarinha e João cruzam as asas entre si, de um lado e do outro, e depois batem as mãos fechadas em punho)!

João: – É isso aí Clarinha, “é nóisss”, “tamo junto”!

Clarinha: – Força João! Amanhã vamos

pescar juntos!

João: – É isso aí, “bora”!

Cena 5

João finalmente sai para pescar com Clarinha. Após voar um pouco, descem numa matinha onde Clarinha mostra para João uma mãe mutum com os seus filhotes. Ela explica para ele a diferença entre os mutuns e os cabeças-secas, quanto à criação dos filhotes. Depois disso vão para uma baía pescar juntos e retornam para o ninho com muitos peixes. Todos estão muito contentes porque João superou seu medo. Agora, o ninho de João, Clarinha e filhotes é um ninho muito mais feliz!

Clarinha e João sobrevoando a mata.

Clarinha diz: – João olha lá, olha lá!

João: – O quê? Que foi?

Clarinha: – Vamos descer, quero te mostrar uma coisa!

João e Clarinha descem ao solo da mata, bem devagarinho, e em silêncio se aproximam de uma mãe mutum com os seus filhotes.

Clarinha: – Olha, é uma mamãe mutum com os seus filhotes! (Crianças encenando a mamãe mutum ciscando comida no chão e seus filhotes serelepes, correndo de um lado para o outro).

João (indignado): – Ai meu Deus, é isso? O que é que a mamãe mutum tem a ver com nossa pescaria? (João põe a asa na cabeça e diz: – Só me faltava essa agora, admirar mamãe mutum e seus filhotes em plena pescaria. “Bora” pescar mulher!).

Clarinha: – Calma João, não é isso! Deixa



eu te explicar. Ontem mesmo passei por aqui e vi a dona Mutum botando ovos. Hoje eles já estão correndo e voando, pensa!

João: – Caramba, que apressadinhos, hein!

Clarinha: – Isso acontece porque eles são da família das galinhas. Já com a gente a coisa é bem diferente porque somos da família das cegonhas!

João: – Ah, isso eu sei. Nossos filhotes dão bem mais trabalho...

Clarinha: – Sim, nós ainda pequenos ficamos no ninho por uns dois meses, totalmente dependentes dos cuidados de nossos pais... Ei, não reclama não, João! Você também já foi filhote um dia!

João: – É mesmo, tem razão... mas falando nisso, “bora” lá que temos que levar o jantar para nossos filhotes.

Clarinha: – “Bora”!

Cena 6

João e Clarinha voam até uma lagoa, onde pescam vários peixes (encenação da pescaria). Depois da pescaria, voam até o ninho, onde são recepcionados pelos filhotes.

João chega e diz: – Olha o que papai e mamãe trouxeram para vocês!

Um dos filhotes: – Obaaaaa, quantos peixes!

João: – Trouxemos traíra (João pega o peixe das mãos do(a) aluno(a) que representa a traíra, mostra para o público, em seguida entrega para um dos filhotes), cará, tuvira, camboatá e sardinha (João deve mostrar os tipos de peixes para o público e, em seguida, entregar para um dos filhotes).

Os **filhotes** batem na barriga e dizem juntos: – Humm que delícia, obrigado pai, obrigado mãe!

O **filhote 1** bate com as mãos na barriga e diz: – Humm, eu adoro traíra, cará e tuvira!

O **filhote 2** bate com as mãos na barriga e diz: – Humm, eu adoro traíra, cará, tuvira e camboatá!

O **filhote 3** (Túlio Topete) bate com as mãos na barriga e diz: – Humm, eu adoro traíra, cará, tuvira, camboatá e sardinha, tudo, tudo!

Narrador: E, assim, tudo ficou bem no ninho de João Paizão e Clarinha. Os filhotes cresceram saudáveis e fortes e voaram com seus pais. Hoje, João e Clarinha estão bem velhinhos e têm muitos netos, bisnetos e tataranetos. Isso aconteceu muito tempo atrás, mas até hoje a gente ouve falar.



C) Algumas atividades complementares

1. Peça para que os alunos proponham algumas inserções na trama ou um final diferente para a história. Alguns exemplos:

a) Túlio Topete foi participar de uma outra brincadeira, escondido de seus pais, e se deu muito mal. Foi bicado por um caracará, sofreu ferimentos, mas Clarinha chegou a tempo de salvá-lo;

b) Túlio Topete foi participar de uma outra brincadeira, escondido de seus pais, e quase se deu muito mal! Maria Pernalta conseguiu afugentar o gavião urubutinga;

c) João Pescador só consegue vencer o trauma de infância dele quando seus filhotes já estão muito fraquinhos. Ao perceber que poderiam morrer, João, Clarinha e vários amigos saem desesperadamente em busca de muitos e muitos peixes para conseguir salvá-los;

d) Uma tempestade muito intensa obrigou João Pescador e Clarinha a abandonar o ninho por bastante tempo. Na ausência dos pais, o ninho sofre o ataque de predadores aéreos, mas os filhotes conseguem escapar dos gaviões caracará e urubutinga. Depois disso, João Pescador se convence de que eles já são capazes de se defender sozinhos;

e) Clarinha se cansa de tanto ir pescar sozinha e perde a paciência com a insegurança e superproteção do João Paizão. Ela está quase decidida a pedir separação! Sentindo que poderá perder o grande amor da sua vida, João Pescador se conscientiza que ele precisa mudar de atitude para o bem de sua própria família.

2. Utilizando os figurinos confeccionados para o teatro, peça aos alunos que montem uma cadeia alimentar. Comece com quem está no topo (a jaguatirica, por exemplo, come cabeça-seca, que come peixe, que come... ??). Pesquise com os alunos quais são os itens alimentares dos peixes consumidos pelos cabeças-secas. Os peixes mencionados na história são: traíra, cará, tuvira, camboatá e sardinha.

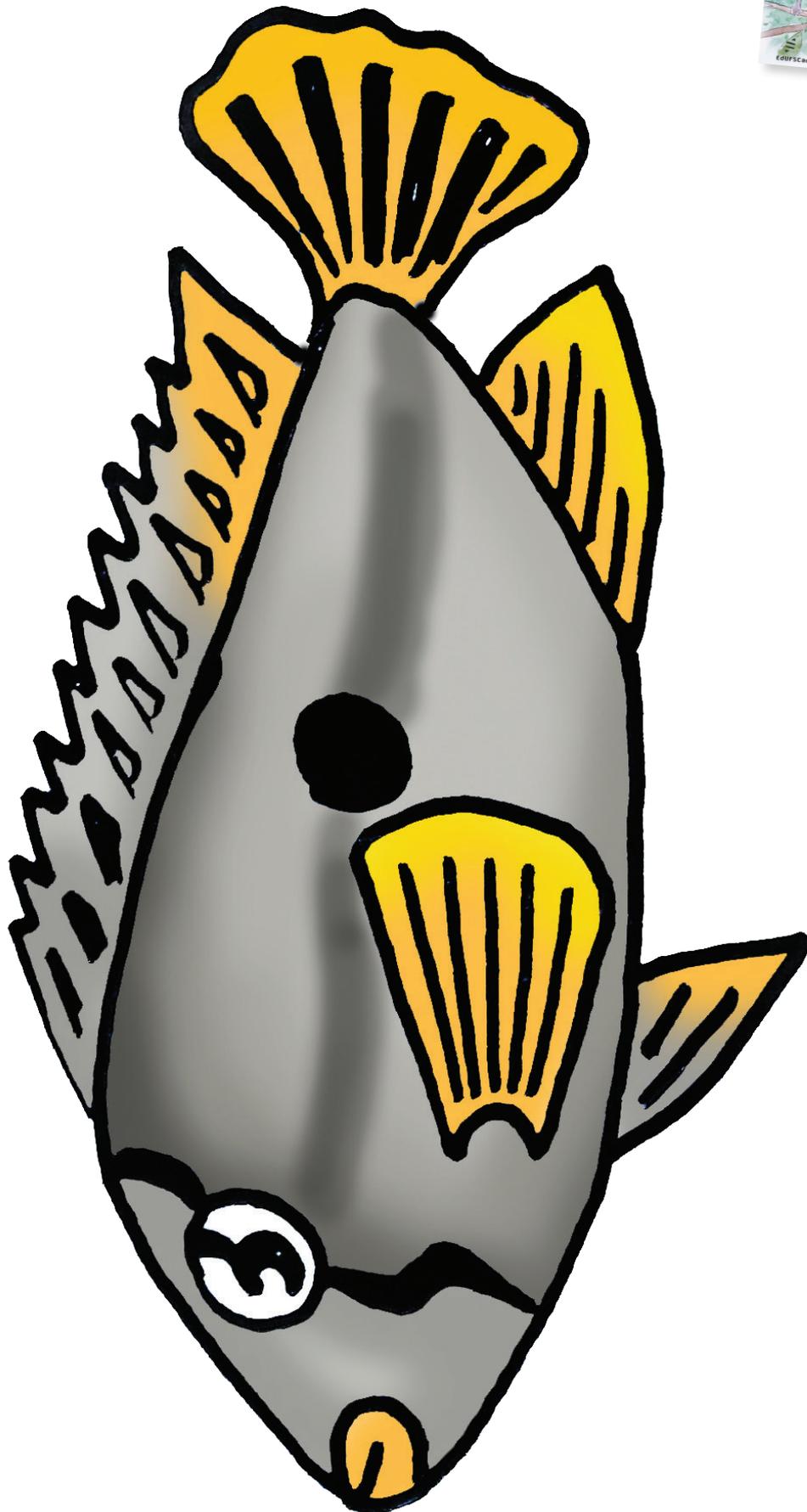
3. Vamos imaginar que o homem faça uma obra na região do Pantanal e por causa dela o nível da água nas lagoas aonde os cabeças-secas costumam ir pescar se tornasse muito baixo ou então muito alto, tão alto que a água chegaria no pescoço deles! O que poderia acontecer nestas duas situações?

a) Interpretem a cena dos cabeças-secas pescando numa baía muito rasa. No início até seria bom, porque haveria muitos peixes concentrados numa baía, mas com o passar do tempo a quantidade de peixes deverá diminuir e várias baías poderão secar permanentemente. Nessa última condição, os cabeças-secas terão dificuldade de encontrar alimento suficiente para alimentar seus filhotes.

b) Interpretem a cena dos cabeças-secas pescando numa baía muito cheia. Eles teriam muita dificuldade para se deslocar dentro da água e seria bem mais difícil pescar os peixes que precisam para alimentar seus filhotes.



Que peixe sou eu?



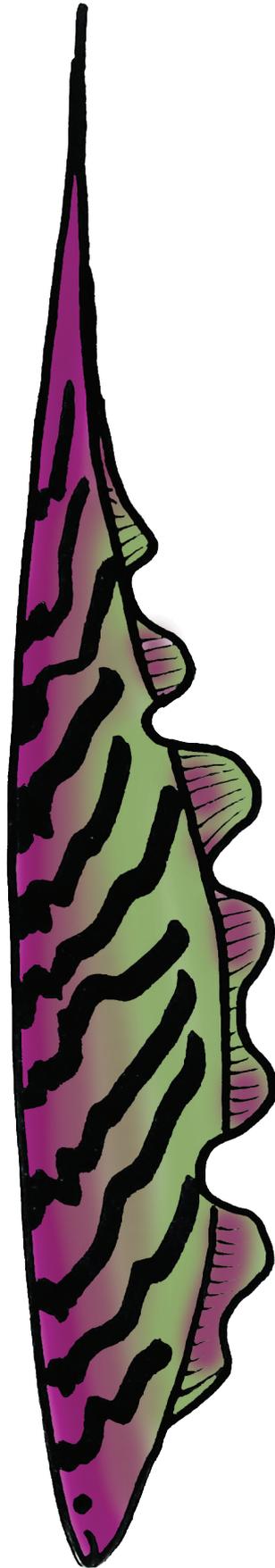


Que peixe sou eu?



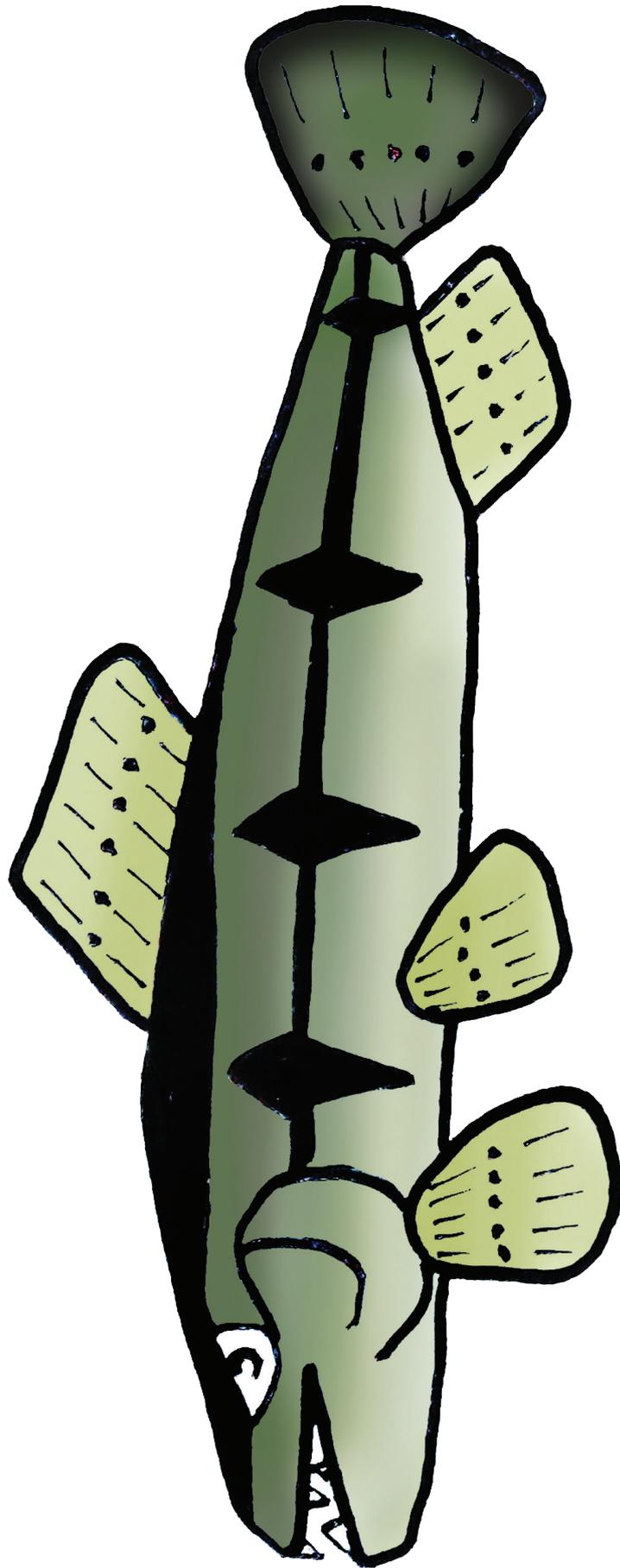


Que peixe sou eu?



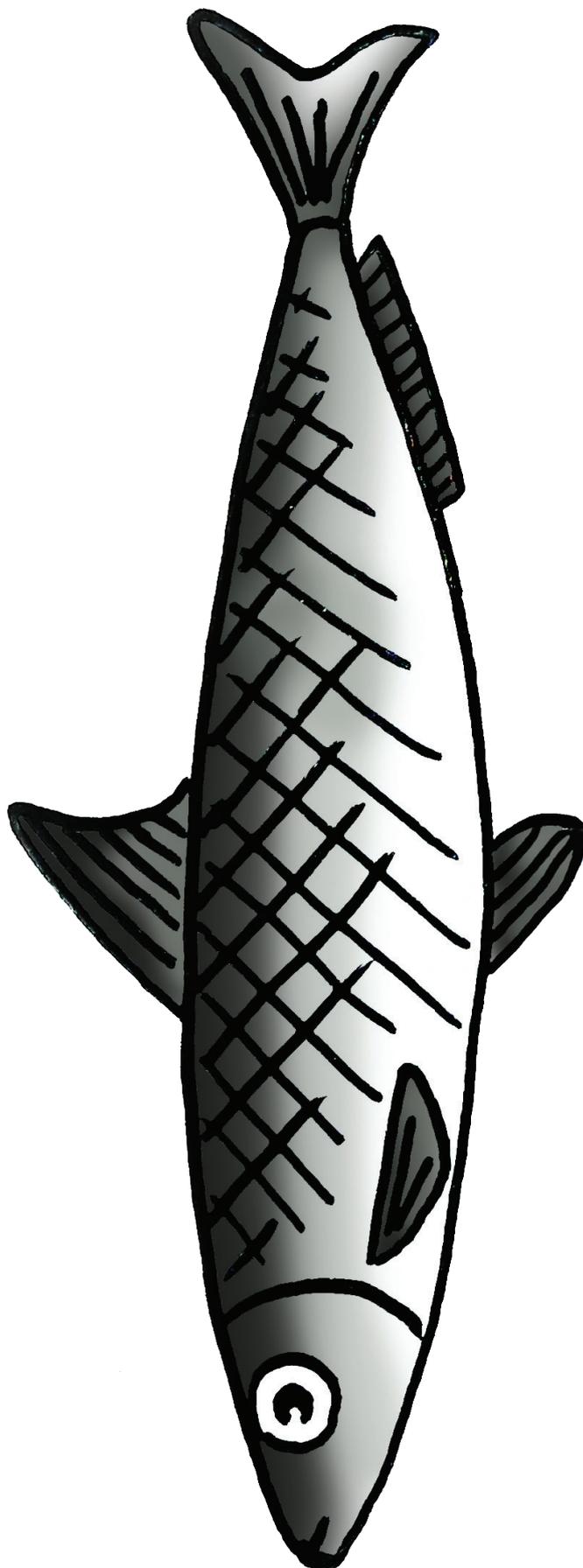


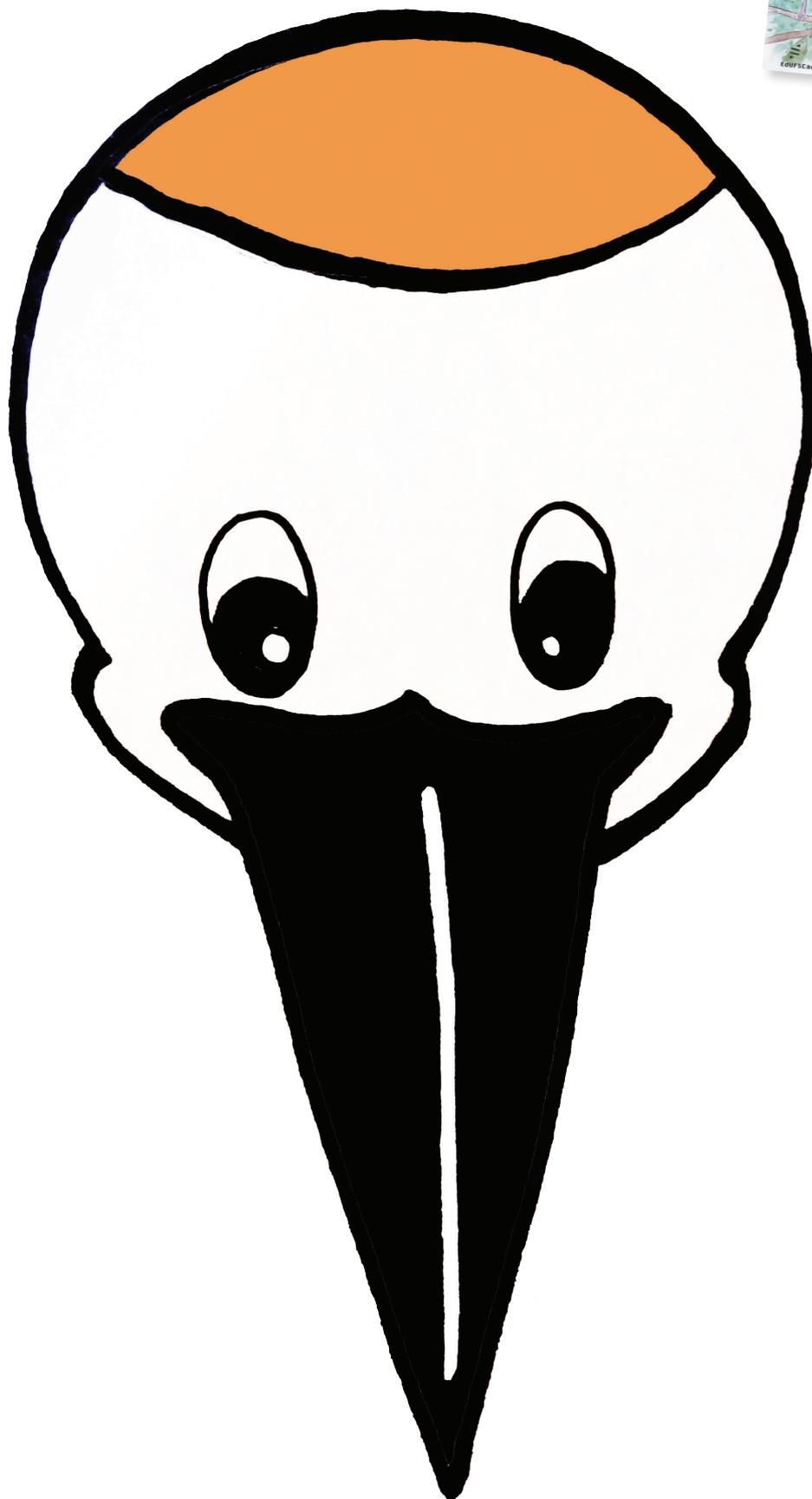
Que peixe sou eu?



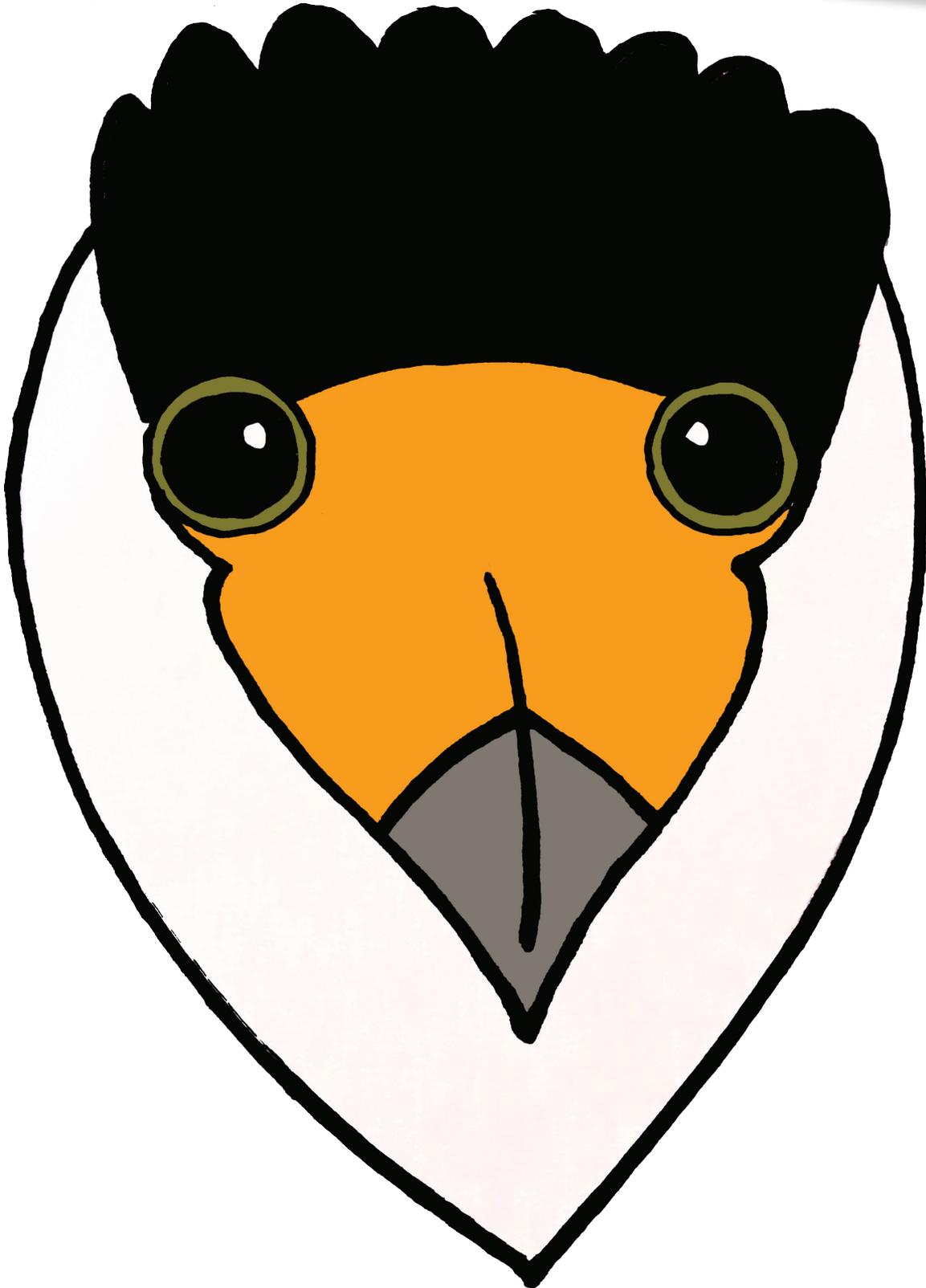


Que peixe sou eu?





Cabeça-seca



Caracara

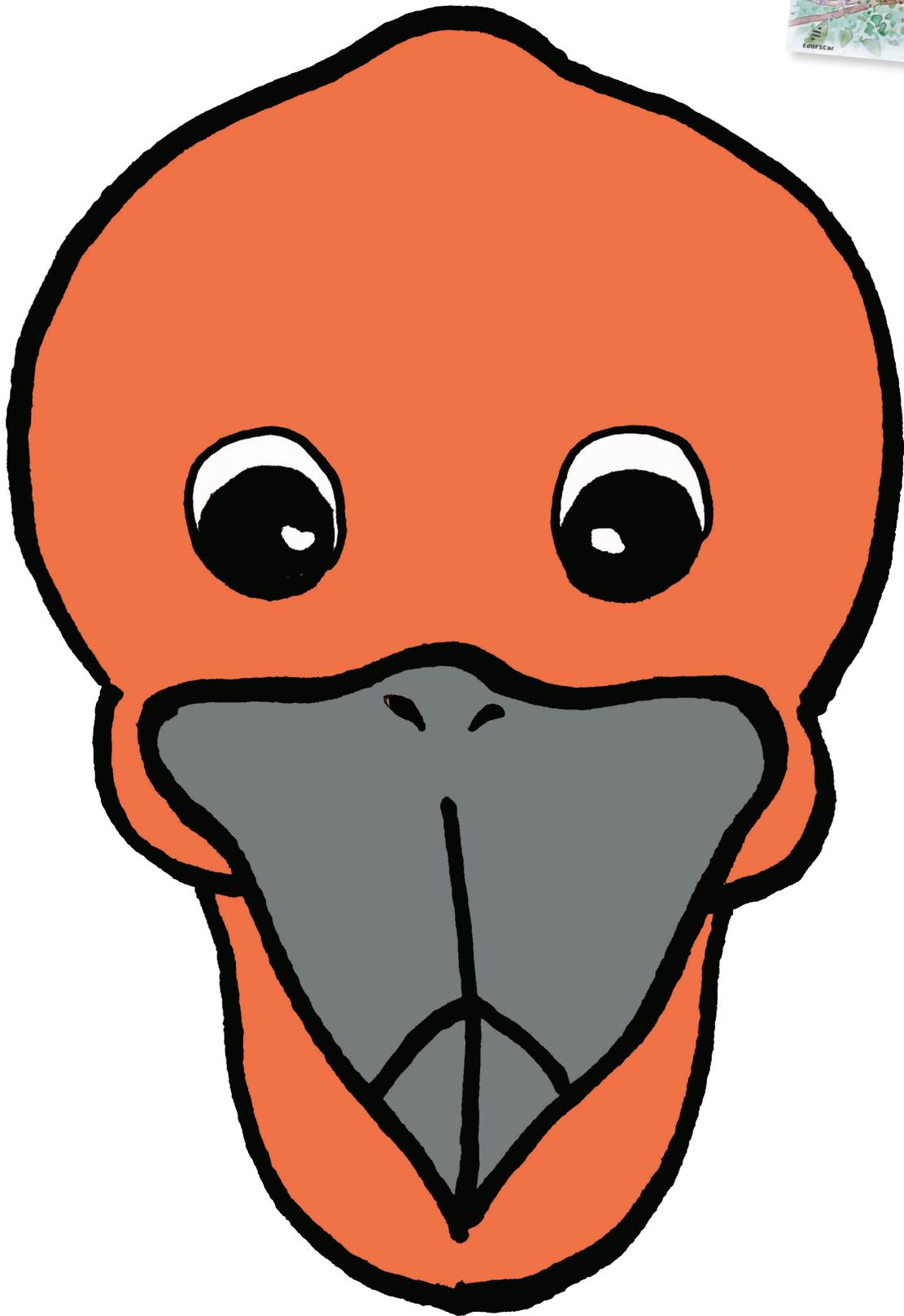


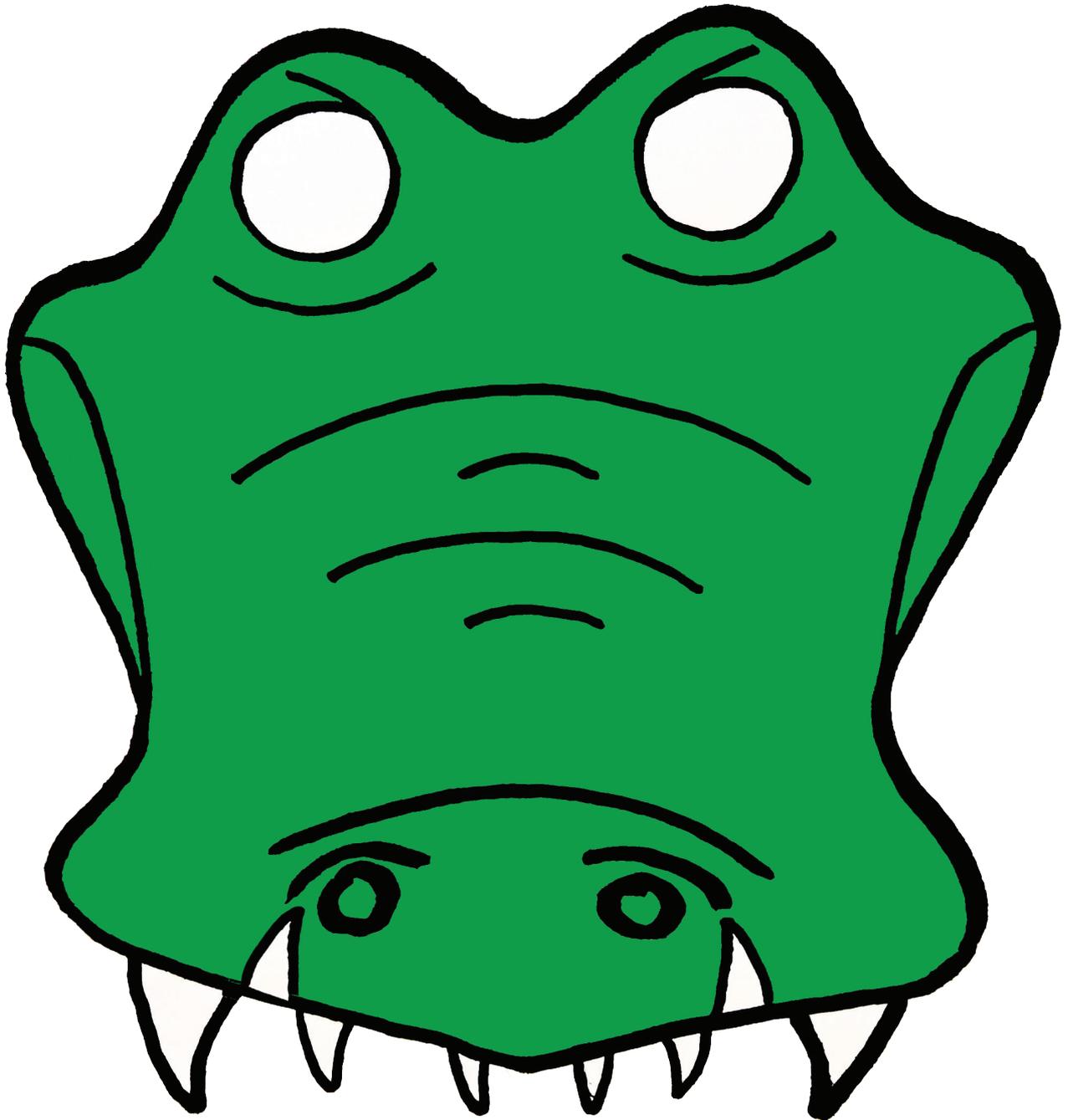
Gavião urubutinga





Gavião urubutinga

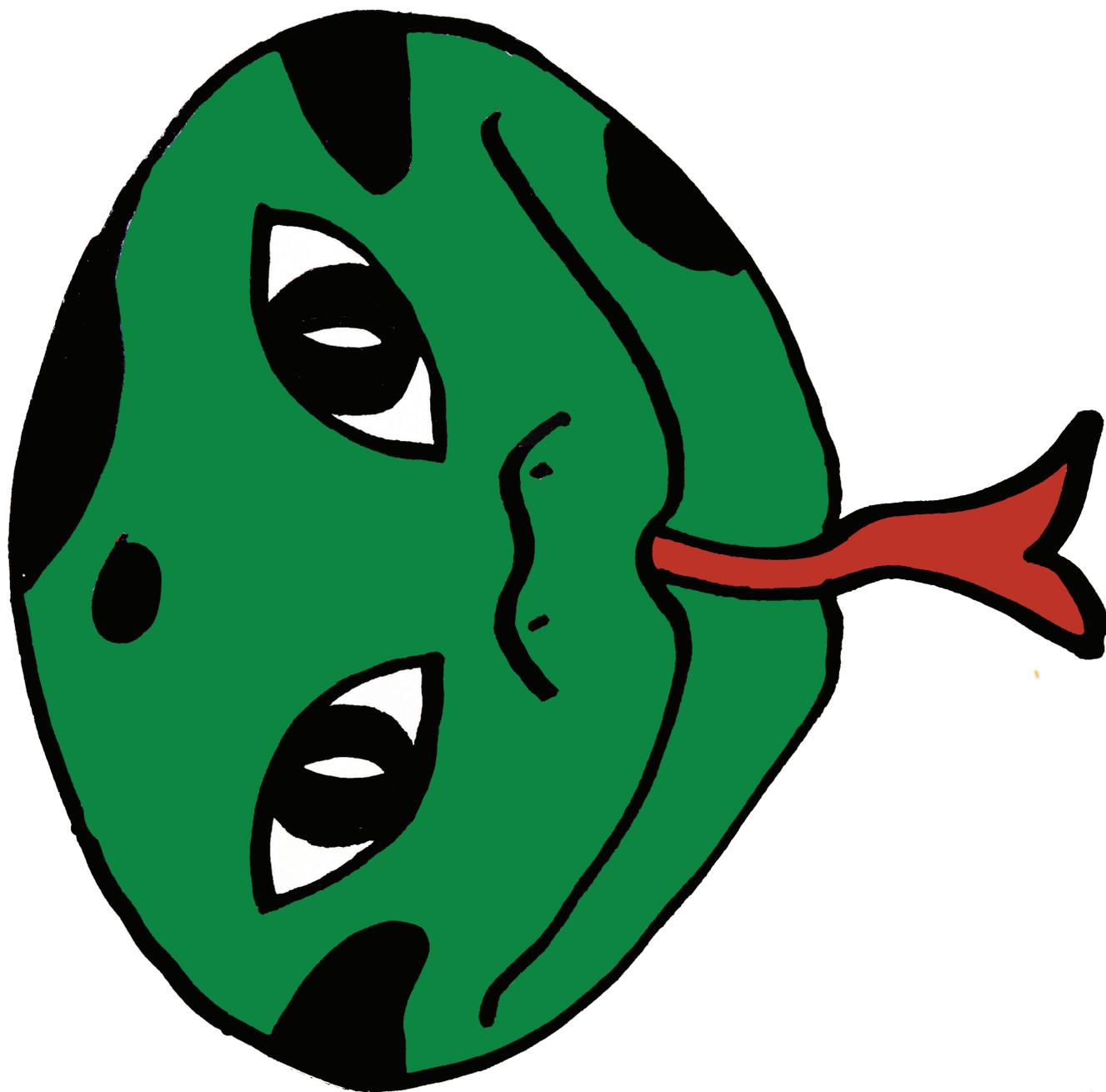


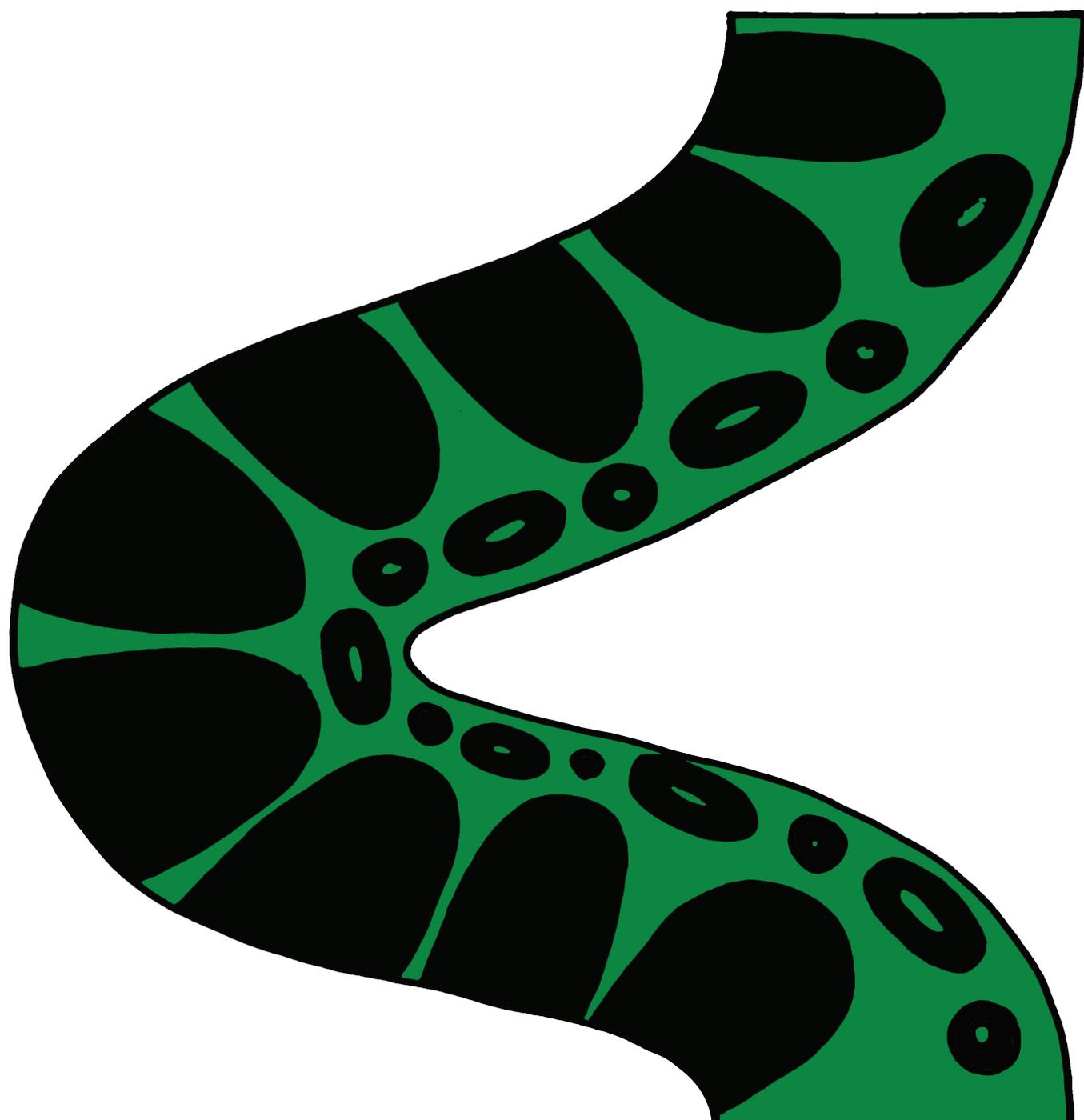


Jacaré



Jagatirica





Sucuri





Mamãe Mutum



Mutum filhote